



## ESTUDOS DA LINGUAGEM E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: AS CONTRIBUIÇÕES DE SAUSSURE

Josiane de Almeida Gonçalves Goulart (PPGLEtras/UEMS)<sup>1</sup>  
[josi\\_ane\\_12@hotmail.com](mailto:josi_ane_12@hotmail.com)

Neide Araújo Castilho Teno (PPGLEtras/UEMS)<sup>2</sup>  
[cteno@uol.com.br](mailto:cteno@uol.com.br)

**RESUMO:** Ensinar língua, em especial Língua Portuguesa, tem se tornado algo desafiador para alguns docentes. Presenciamos uma insistência de aulas voltadas ao tradicionalismo, o ensino focado nas estruturas gramaticais com um fim em si mesma, destoante das vivências das quais os alunos estão inseridos. Em contraponto a essa realidade, estão os postulados de Saussure (2006), que vê a língua como algo ligado ao social, ao nosso dia a dia. Este estudo tem a finalidade de refletir acerca dos postulados deixados pelo mestre, assim como repercutir a sua importância para efetivação da linguística como ciência da linguagem e o ensino de língua. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo que permite reunir informações advindas das principais teorias que norteiam um trabalho científico, a qual, certamente, subsidiará a construção da investigação proposta. Teóricos como: Cunha e Tavares (2016); Moura Neves (1997); Saussure (2006[1916], Fiorin (2007) fundamentam esta explanação. As leituras que ora realizamos proporcionaram uma reflexão acerca dos ensinamentos de Saussure e em que medida as teorias contribuem para compreender a dicotomia (língua/fala; sincronia/diacronia; sintagma/paradigma; significado/ significante) de maneira a desmistificar algumas ideias equivocadas sobre o ensino de língua.

**PALAVRAS- CHAVE:** Linguagem; Língua Portuguesa; Ensino. Saussure.

**ABSTRACT:** Teaching language, especially Portuguese, has become challenging for some teachers. We witnessed an insistence on classes focused on traditionalism, teaching focused on grammatical structures with an end in itself, unlike the experiences of which students are inserted. In contrast to this reality, there are the postulates of Saussure, who sees language as something connected to the social, to our daily lives. This study aims to reflect on the postulates left by the master, as well as to reflect its importance for the realization of linguistics as language science and language teaching. It is a qualitative bibliographic research that allows gathering information from the main theories that guide a scientific work, which, certainly, will subsidize the construction of the proposed investigation. Theorists such as: Cunha and Tavares (2016); Moura Neves (1997); Perini (2006); Saussure (2006 [1916], Fiorin (2006/2007) provide the basis for this explanation. The readings we have now carried out provided a reflection on Saussure's teachings and the extent to which theories contribute to understanding the dichotomy (language / speech; synchrony / diachrony; phrase / paradigm; meaning / signifier) in order to demystify some misconceptions about language teaching.

<sup>1</sup> Mestranda em Letras do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul -UEMS. Orientanda da Profª Drª Neide Castilho Teno. Email: [josi\\_ane\\_12@hotmail.com](mailto:josi_ane_12@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Educação. Mestre em Linguística. Docente Sênior do Programa de Mestrado Profissional em Letras-PROFLETRAS, e do Programa de Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS/Dourados. /Campo Grande. Coordenadora do projeto de Pesquisa "Memórias de Professores: diálogos sobre o letramento e o ensino da língua portuguesa-EPATA II". Colaboradora do projeto de pesquisa "Apoio à Qualificação Docente: PROFLETRAS em Mato Grosso do Sul" financiado com recurso da FUNDECT. Email: [cteno@uol.com.br](mailto:cteno@uol.com.br)



**KEYWORDS:** Language.;Portuguese language; Teaching; Saussure.

## Introdução

Em sua prática diária os professores de língua vêm encontrando alunos com questionamentos típicos, acerca do ensino de Língua Portuguesa. “Por que tenho que aprender estas regras?”, “Por que preciso saber concordância verbal e nominal”. As respostas para estas indagações não têm sido satisfatórias para os alunos, as consequências, disso tudo, são alunos desmotivados e professores frustrados por não compreenderem o seu papel de ensinar língua.

Diante de um cenário de tantos questionamentos, surge a necessidade de demonstrar aos alunos o motivo de se estudar língua. É preciso repensar as práticas para que essas tragam significância para aquilo que está sendo ensinado. Nesse contexto, o docente tem um papel fundamental para trazer para sua sala de aula a importância do aprender para a vida em sociedade.

Essa aversão pela gramática denominada tradicional<sup>3</sup> já foi discutida por vários estudiosos, conforme explicita Cunha e Tavares (2016), em seu texto “Linguística funcional e ensino de gramática”. Os pesquisadores (2016, p. 13), observam que por longos anos o ensino da gramática “vêm sendo transmitida nas escolas de modo degenerado, fragmentário, dogmático, prescritivo e irrefetido”, o que tem causado uma “insatisfação generalizada com a qualidade do ensino de Língua Portuguesa fundamentado nesse tipo de ensino”, justificando, assim, a importância de estudos que visem contribuir para um ensino-aprendizagem que ampliem as competências comunicativas dos alunos.

Propomos, neste estudo, abrigarmos nas teorias de Ferdinand Saussure (2006) para compreender seus postulados e as contribuições de sua teoria para o ensino-aprendizagem de língua. Dentro dessa concepção, o objetivo deste estudo é refletir acerca dos postulados deixados por Saussure, no século XX, e sua importância para

---

<sup>3</sup> Estamos considerando gramática tradicional conforme explica Cunha e Tavares (2016, p. 14), “ao conjunto de conceitos e categorias derivados dos estudos gramaticais de tradição greco-latina”.



efetivação da linguística como ciência da linguagem e o ensino de língua. Trata de um estudo teórico subsidiado por teóricos como Saussure (2006), Cunha e Tavares (2016); Neves (1997,1998); entre outros. O texto está organizado em duas partes: a primeira concentramos na questão funcionalista, especificamente, no que se trata de aspectos teóricos e gramaticais, na segunda parte focamos nos aspectos sobre o ensino de língua e as teorias de Saussure.

Três grandes correntes representam a linguística moderna nos estudos linguísticos: o funcionalismo, o gerativismo e o estruturalismo. A primeira corrente, funcionalismo, de acordo com Neves (1997/1998) procura entender a língua conforme sua intenção de uso, ou seja, valoriza a comunicação e a diversidade de usos da linguagem em seus diferentes contextos.

A segunda, a teoria do gerativismo, tem como representante o linguista norte-americano Noam Chomsky (1957), considerado como o pai da Linguística Gerativa, com a publicação do livro Estruturas Sintáticas (1957). E a terceira, o estruturalismo, seu marco é a publicação do Curso de Linguística Geral (1916), obra de Ferdinand de Saussure, que discorre acerca das anotações de seus alunos e analisa a língua por meio das estruturas e sistemas. Enquanto a Gramática Gerativista considera o estudo das frases gramaticas pertencente a uma língua, o Funcionalismo analisa a linguagem de uma forma interacional e incorpora as intenções dos interlocutores às descrições.

Temos que lembrar de que os estudos da linguagem se apresentam de formas diferentes. Quando falamos em funcionalismo, consideramos duas vertentes: uma formalista voltada para o descritivismo americano e foco na linguística, “[...] um conjunto cujos elementos se estruturam num todo organizado” (MARTELOTTA; AREAS, 2003, p. 17), e outra chamada funcionalista, que é adepta as construções da língua exercidas pelas formas linguísticas na comunicação.

Essa segunda vertente, a funcionalista, considera o contexto da situação como ponto positivo para conceber a língua, pois, além de possuir caráter comunicativo, está sujeita “[...] às pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical” (MARTELOTTA; AREAS, 2003, p. 20). Diferente



da abordagem formalista, que considera mais as estruturas linguísticas, desconsiderando as influências advindas do meio de sua produção.

Encontramos na literatura a posição de teóricos que consideram a existência de vários modos de funcionalismos: o conservador, o extremado e o moderado. Assim define:

O tipo conservador apenas aponta a inadequação do formalismo ou do estruturalismo, sem propor uma análise da estrutura. O tipo moderado não apenas aponta essa inadequação, mas vai além, propondo uma análise funcionalista da estrutura. O funcionalismo extremado nega a realidade da estrutura como estrutura, e considera que as regras se baseiam internamente na função, não havendo, pois, restrições sintáticas (NEVES, 1997, p. 55-56).

De acordo com Neves (1997), a finalidade da teoria Funcionalista está centrada no modo como os usuários da língua se comunicam eficientemente, não se restringe apenas nas competências de codificação e decodificação das expressões, “mas também de usar e interpretar essas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória” (NEVES, 1997, p. 15). Embora encontramos diferentes modelos, podemos dizer que existem semelhanças entre elas, o que faz caracterizar a visão funcionalista da linguagem.

Ferdinand Saussure é considerado linguista criador e pai da Linguística Moderna. Estudioso suíço que nasceu em 26 de novembro de 1857 e faleceu em 27 de fevereiro de 1913. A mais importante de suas obras é o “Curso de Linguística Aplicada”, que surgiu após a compilação de anotações de seus três alunos (Charles Bally, Albert Sechehaye e colaboração de Albert Riedlinger), participantes de três cursos sobre a ciência da linguagem na Universidade de Genebra, em 1908-1909 e em 1910-1911, tendo como primeira edição o ano de 1916.

Os seus estudos proporcionaram à Linguística o caráter de uma ciência autônoma, tendo em vista seus ensinamentos, e o envolvimento da língua enquanto som (fonética, fonologia), significação (semântica), discurso (análise do discurso), social (sociolinguística), bem como a aplicação dessa em suas interações sociais.



Dentre os postulados de Saussure, precursor do estruturalismo, encontramos a conceituação do que seja língua. Para ele, “é um sistema de signos em que, de essencial, só existe na união do sentido e da imagem acústica” (SAUSSURE, 2006, p.46), isto é, a relação que se estabelece entre o significado com o seu significante.

Para asseverar nossa apresentação, das inúmeras contribuições deixadas por Saussure (2006), partimos do que consideramos essencial para o estudo, que são as dicotomias: língua e fala, sintagma e paradigma, sincronia e diacronia, significante e significado. As dicotomias, de Saussure foram base para diferentes caminhos tomados nos estudos contemporâneos da linguagem, que proporcionou diferentes pesquisas no século XX e XXI.

## 1. Língua e fala

Os postulados de Saussure (2006) entre língua e fala deu a linguística um novo olhar, pois o seu funcionamento sobrepõe as questões da função. Para o estudioso a linguística “tem um lado social e um lado individual, sendo impossível conceber um sem o outro” (SAUSSURE, 2006, p. 02). Para ele, a fala possui caracteres como assistemática, heterogênea e concreta; já a língua é sistemática homogênea, abstrata e, portanto, passível de análise interna.

A língua passou a estabelecer uma oposição à fala, o que provocou um corte as questões da língua. Esse corte, segundo Silva (2011, p. 39), “excluía a subjetividade na linguagem, nas unidades transfrásticas, nas variedades linguísticas, no texto, nas condições de produção, na história, no sujeito e no sentido”.

Carvalho (1997) em seu livro “Para compreender Saussure” com uma linguagem mais clara e objetiva explicita acerca das dicotomias saussurianas ponderando de forma didática os ensinamentos de Saussure. Para esse estudioso, as dicotomias são manifestações semânticas da língua e se organiza como modo de usar a língua. A diferença entre fala e língua, embora seja uma inquietação de Saussure, ele nunca deu atenção à fala, como se essa fosse inerente ao ser humano e a língua carente de



sobremazia.

Essa dicotomia de língua e fala que proporcionou reflexões de diferentes pesquisadores adotando designações diferentes: Louis Hjelmslev (1975) emprega, respectivamente, os termos “esquema e uso”; Roman Jakobson (1981), “código e mensagem”; Noam Chomsky (1957), “competência e performance” (SILVA, 2011, p. 39).

Outros estudiosos dedicaram a esses estudos e buscaran nas propostas de Saussure conhecimentos para compreender as estruturas linguísticas. Costa (2009, p. 116), por exemplo, considera a “fala como um uso individual do sistema que caracteriza a língua”, o que implica dizer que o objeto de estudo da linguística estrutural é a língua e não a fala, pois não temos como não se preocupar com o sistema de regras quando estamos falando, porém não podemos dizer que se “possa estudar a língua independente da fala”, existe estreita relação entre língua e fala, assim, aquela é ao mesmo tempo o instrumento e o produto da fala.

## 2. Sintagma e paradigma

Essa dicotomia considera a linguagem como dois eixos de funcionamento combinando (relações sintagmáticas) com relações (associativas ou paradigmáticas). Reforça os ensinamentos de Carvalho (1997) explicitando que as palavras dispostas em linhas verticais constituem o paradigma e não pode sofrer mudanças de posições, enquanto que nas linhas horizontais são os sintagmas, as palavras dispostas nessa linha podem se relacionar umas com as outras. Por isso, sintagma e paradigma se relacionam e constituem uma estrutura linguística.

Essa dicotomia saussuriana pode ser vista no que se refere ao ensino de Língua Portuguesa e sua capacidade de mudanças linguísticas. A Língua Portuguesa possui uma ordem como: sujeito + verbo + complemento, considerada como ordem direta dos elementos na linha sintagmática. Se na mudança de algum desses elementos não interferir na compreensão comunicativa do português como idioma, é aceitável o reconhecimento da ordem inversa da oração (CHAGAS, 2011).



Ao retomar o princípio de que a língua consiste em um sistema articulado e regido por regras internas, Saussure (2006) traz as relações sintagmáticas e paradigmáticas como meio de explicar o funcionamento do sistema, ou seja, de que maneira as regras regem a organização das unidades. Assim, são propostas duas relações que ocorrem concomitantemente e determinam as construções gramaticalmente possíveis. Dado o caráter linear da transmissão dos signos linguísticos, as unidades, nos diversos níveis, são organizadas por diversas articulações entre sintagmas.

Dessa proposta são compreendidas as relações sintagmáticas, que, conforme traz Costa (2009, p.121), “devemos, portanto, entender como sintagmáticas as relações *in praesentia*, ou seja, entre dois ou mais termos que estão presentes (antecedentes ou subsequentes) em um mesmo contexto sintático”. Nessa perspectiva, as relações sintagmáticas determinam a distribuição das unidades em sequência e de forma linear, em diversos níveis e que sejam compreendidas pelas regras gramaticais.

### **3. Sincronia e diacronia**

Esta dicotomia faz um corte nos estudos da língua (SAUSSURE, 1995), rompendo com o estudo histórico e comparativo da linguística do século XIX, e propõe estudos focados mais como as línguas se estruturam do que na sua evolução. Assim nascem as perspectivas sincrônica (estuda a língua em um dado momento) ou diacrônica (estuda a língua por meio dos tempos).

No dizer de Carvalho (1997, p. 87), essa dicotomia caracteriza “rompendo definitivamente com a tradição dos neogramáticos, Ferdinand de Saussure confere prioridade à pesquisa descritiva (sincrônica) em detrimento da pesquisa histórica (diacrônica)”. A partir dos eixos proposto por Saussure (2006, p. 95), AB representa o eixo das simultaneidades (sincronia); CD, o eixo das sucessões (diacronia), e assim traça a estrutura da língua.

Saussure faz a distinção de diacronia e de sincronia considerando duas formas: linguística estática e linguística evolutiva, assim, entende que sincrônico é “tudo quanto

se relacione como aspecto estático [...] e diacrônico tudo que diz respeito as evoluções” (SAUSSURE, 2006, p.96). Como exemplo, podemos citar a variação entre o uso de *ter* e *haver* no português, implicando na possibilidade de usar as duas formas em uma mesma época, temos o caráter sincrônico. E, como exemplo do caráter diacrônico, podemos mencionar a evolução da palavra: *pane*> *pãe*> *pão*, do latim do português.

#### **4. Significante e significado**

Significante/ significado são considerados a dicotomia mais importantes das pesquisas saussurianos, pois envolve o tratamento dado aos estudos sobre os signos linguísticos, objeto dos estudos linguísticos. De acordo com (SAUSSURE, 2006), o signo é o resultado de significado mais significante, sendo considerado o significado conceito ou ideia; significante é o elemento sensível ou o plano de expressão.

Carvalho (2000) corrobora com as explicações acrescentando que o significado (sentido conferido ao significante) e o significante (o objeto em si) são inerentes a propósito de estabelecer comunicação entre membros que se comunicam.

Fiorin (2007) também discute os pressupostos estruturalistas como suportes para uma compreensão do uso linguístico em Língua Portuguesa. Faz referência aos estudos que cerceiam questões enunciativas da linguagem para constituição de sentido. Assim, o sujeito faz uso da linguagem para estabelecer uma relação com a realidade.

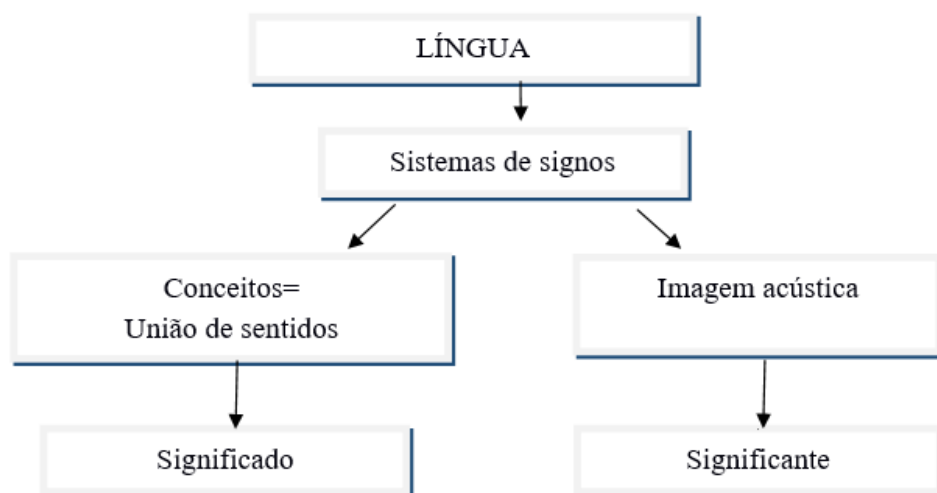
Para explicar o caráter da interdependência entre o significado e significante, realizaram comparação do signo com uma moeda de duas faces, pois os dois elementos estão interligados para que ocorra o processo de significação. Trata de um vínculo associativo entre significante e significado, assim como uma moeda, o que permite dizer, que não podemos interpreta-los como objetos diferentes como duas faces de uma mesma moeda. Para elucidar a compreensão, destacamos o exemplo de mostrar a situação de um falante que faz uma associação do significante */kaza/* com o que representa essa */kaza/* significado de lugar para se viver, para morar, para sobreviver, etc.

Nesse sentido, o significado e o significante são compartilhados socialmente, em



um vínculo contínuo de associação. Para exemplificar o que foi explicado, observemos o esquema abaixo para percebermos como o meio que o indivíduo está inserido, reflete na produção do conceito e da imagem acústica de um determinado signo.

**Figura 1-** Significado e significante



**Fonte:** elaborado pelas autoras.

Além das dicotomias de (SAUSSURE, 2006) como eixo para os estudos linguísticos, consideramos indispensável na produção de sentido, os estudos de Fiorin (2007), que considera os signos como uma forma de apreender a realidade, ou seja, com eles conseguimos nos localizar, interpretar a realidade que nos rodeia. Ele ainda chega a dizer que aqueles são etiquetas que são colocadas nas coisas a fim de interpretá-las em um dado contexto. As palavras são autônomas, por isso, o signo é estabelecido, delimitado em sua relação com o outro.

Quando Saussure (2006) remete à língua como um ato de convenção, que nada mais é do que normas estabelecidas pela sociedade, deparamos com algo que não é estático, estagnado em si mesma, mas algo que se forma ajustado ao contexto de produção, tudo isso, para se utilizar no dia a dia. A partir do momento que o discente procura compreender como a língua está organizada e estruturada, torna-se capaz de



retirar significados de suas variadas maneiras de expressão. Ele começa a ter uma proximidade com essa entidade, se assim podemos chamá-la.

À medida que o professor parte do entendimento de língua, conforme apresentado por Saussure (2006), certamente o ensino de Língua Portuguesa não será pautado mais em questões relacionadas ao que se diz tradicionalismo. A visão saussuriana da língua como um sistema de valores está intimamente associada a como devemos pensar a língua e como ela funciona numa sociedade de tantas diferenças. A teoria do signo, e seus dois princípios fundamentais: arbitrariedade / linearidade, sincronia / diacronia são interpretações linguísticas importantes advindos dos estudos de Saussure, para as ciências da linguagem e para o ensino da Língua Portuguesa.

Não obstante, cabe-nos enxergar a importância de relacionar teoria e prática, entender que essas se entrelaçam durante o processo de ensino. Uma completa a outra, gerando uma unicidade. Nas palavras de Antunes,

[...] o desinteresse pela teoria pode significar também uma incompreensão do que seja “teoria” e “prática”, de como uma e outra se interdependem ou se alimentam mutuamente. Como pode significar ainda uma certa acomodação dos professores, que, passivamente, esperam que alguém venha dizer a eles o que fazer e como fazer, dispensando-os, assim, do trabalho constante de estudar, de “estar atentos”, de pesquisar, de avaliar, de criar, de inventar e de reinventar sua prática, o que naturalmente supõe fundamentação teórica, ampla, consistente e relevante. Não pode haver uma prática eficiente sem fundamentação num corpo de princípios teóricos sólidos e objetivos (ANTUNES, 2003, p.40).

As palavras dessa estudiosa fazem refletir acerca do sentido de ensinar Língua Portuguesa a partir da compreensão do que se tem da gramática tradicional e do caráter normativo, para compreensão do que seja língua. É sabido que para cada abordagem gramatical há uma concepção de língua, ou seja, cada teoria oferece uma concepção de língua diferente e a compreende segundo outros caminhos. Do ponto de vista do funcionalismo, explica Neves (1998), que para entender a organização da gramática das línguas é necessário pensar no uso, ou seja, o caráter funcionalismo observa o propósito comunicativo e a diversidade de usos da linguagem, empregada em diferentes



contextos. Por isso, os dizeres de Saussure (2006), de que a língua não é um sistema autônomo, vêm contribuir para o entendimento do que seja a gramática normativa.

De uma forma bastante ampla, podemos dizer que a gramática funcional busca esclarecer a relação entre as intenções do falante na comunicação, em outras palavras, observa as ocorrências de uso, e, em conjunto, entender como essa intencionalidade se reflete na organização da frase. Neves (1997) aborda em seus estudos acerca da descrição das funções gramaticais. Assim explica que:

[...] atenção especial à “perspectiva funcional da frase”, ou seja, à organização das palavras nas frases, vista na sua função de organização da informação. A frase é reconhecida, desse modo, como uma unidade susceptível de análise não apenas nos níveis fonológico, morfológico e semântico, mas também no nível comunicativo (NEVES, 1997, p.18).

Os pressupostos de Neves (1997,1998) constituíram o pilar para compreender as questões relacionadas a gramática funcional, pois o objetivo dessa gramática é entender as funções que as unidades exercem dentro do sistema para a construção de sentidos. Portanto, “a gramática é, afinal, o mecanismo que liga umas às outras as seleções significativas que derivam das várias funções da linguagem, e as realiza numa forma estrutural unificada” (NEVES, 1997, p.60).

A proposta, dessas pesquisadoras, pondera que a construção de sentidos só ocorre nas convenções que desempenham as funções semânticas, o que depõe para a questão funcional da gramática e não mais a norma em si, pois uma gramática funcional não só manifesta “pelo estudo das sequências linguísticas”, como pelos significados que estão reunidos por essas sequências. Quando pensamos em ‘funcional’ já fazemos correspondência com o significado, da mesma maneira que ao pensar em ‘gramática’ já relacionamos com as formas linguísticas (NEVES, 1997, p.74).

Quando se discute questões relacionadas à gramática da língua, não podemos esquecer das palavras de Antunes (2007), sobre o funcionamento de regras do uso da língua. Essa estudiosa considera as várias formas de compreender gramática e a necessidade de pensar no papel da gramática prescritiva/gramática descritiva/gramática



internalizada/gramática de usos.

Assim explica essa estudiosa:

[...] quando se fala em gramática, pode-se estar falando: a) das regras que definem o funcionamento de determinada língua, como em: “a gramática do português”; nessa acepção, a gramática corresponde ao saber intuitivo que todo falante tem de sua própria língua, a qual tem sido chamada de “gramática internalizada”; b) das regras que definem o funcionamento de determinada norma, como em: “a gramática da norma culta”, por exemplo (ANTUNES, 2007, p 26).

Pensar na linguagem e no ensino de Língua Portuguesa a partir das contribuições de Saussure (2006), estamos refletindo que o ensino não carece mais memorizar regras gramaticais, pois a finalidade principal do ensino de Língua Portuguesa tem estreita relação entre a teoria e os usos da língua, e a gramática do padrão oficial como uma norma socialmente de prestígio, não é a única linguisticamente aceita. Segundo Antunes (2007), o termo norma culta real são utilizadas por aqueles que expressam cientificamente “escritores, repórteres, cronistas, editorialistas, comentaristas, articulistas, leigos e outros listas da comunidade encarregada da informação pública e formal” (ANTUNES, 2007, p. 92-93).

Nessa ótica, podemos pensar na possibilidade de equilíbrio do ensino da gramática dada a questão da existência de muitos falares; em diferentes contextos, e o domínio do maior número possível desses falares. São as mudanças que contribuem para os estudos da língua, e isso está posto no trabalho com a Linguística, que trabalha com mudanças, o que Saussure (2006) denominou de linguística diacrônica. Segundo ele, a língua é um sistema em que um elemento se define pela relação com outros elementos, ou seja, o estado da língua que define o sistema de relações.

## Considerações finais

O estudo, ora realizado, trouxe aprendizagem significativa acerca dos diversos conceitos de gramáticas (normativa, descritiva, funcional e gerativa), pois as leituras



mostraram que os esses conceitos e teorias foram frutos de várias pesquisas em diferentes literaturas sobre os vários tipos de gramáticas. As definições subsidiaram o conhecimento dos estudos linguísticos de maneira a tornar mais acessível à compreensão da linguística conemporânea.

As referências teóricas selecionadas, em especial as de Saussure, deixaram evidências que a nossa prática pedagógica, como professores de língua, precisa ser revisitada e refletida, para propiciarmos aos nossos aprendizes, aulas que dialoguem com o seu dia a dia.

No momento em que nos apropriarmos de uma atitude mais reflexiva, podemos chegar a uma aprendizagem mais significativa e muito mais enriquecedora, uma vez que o assunto discutido em sala de aula é a prática do uso da linguagem, e não mera apresentação de regras e exceção.

Dessa maneira, o foco do ensino deixa de ser a gramática e passa a ser a produção e compreensão de textos a partir do estudo de diversos gêneros textuais, dos mecanismos de coesão e coerência, a intenção comunicativa, bem como o enfoque nas características do contexto de produção do discurso, seja oral ou escrito.

Portanto, o estudo teórico mostrou que a linguística trata de uma a ciência que se ocupa do estudo acerca dos fatos da linguagem, conforme explicou Ferdinand de Saussure (2006). As correntes teóricas que envolvem a linguística moderna foram temas importantes na compreensão do estudo acerca das gramáticas. Foi possível depreender que cada dicotomia conhecida foi necessária para estabelecer novos métodos de análise e estudo dentro da ciência da linguística, e na contemporaneidade outros estudiosos se ocupam dessa ciência de Saussure para luz nos estudos da linguística atual.

### Referências

ANTUNES, Maria IRANDÉ. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. p. 26- 93.

\_\_\_\_\_. **Muito além da gramática: por um ensino de gramática sem**



pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007. pp. 26; 92-3.

CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure**. Petrópolis: Vozes, 1997. P. 87.

\_\_\_\_\_. **Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica**. 9. ed. rev. Petrópolis: Vozes, 2000.

COSTA, Marcos Antonio. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo Toscano. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 113- 126.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da e TAVARES, Maria Alice. **Linguística funcional e ensino de gramática**. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da e TAVARES, Maria Alice (orgs). **Funcionalismo e ensino de gramática [recurso eletrônico] / organizadoras**. Natal: EDUFRN, 2016. 12-49 p.

CHAGAS, Paulo. A mudança linguística. In: FIORIN, José Luiz. (Org.). **Introdução à linguística: objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2011. 141-164 p.

CHOMSKY, Noam. **Syntactic structures**. The Hague: Mouton, 1957. (Janua Linguarum Series Minor, vol. 4).

FIORIN, Jose Luis. **Introdução à linguística**. São Paulo: Contexto, 2007.

NEVES, Moura Helena Maria. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **A gramática de usos é uma gramática funcional**. ALFA, São Paulo, v.41, n.esp. 1998. p.1-25.

MARTELOTTA, Mario Eduardo Toscano; AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica.; RIOS DE OLIVEIRA, Mariangela; MARTELOTTA, Mario Eduardo Toscano. **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Faperj/DP&A, 2003. p. 17-28.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. 26. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

SILVA, Fernando Moreno da Silva. **As Dicotomias Saussureanas e Suas Implicações Sobre os Estudos Linguísticos**. REVELLI – Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG-Inhumas ISSN 1984-6576 – v. 3, n. 2 – outubro de 2011 – p. 38-55 – Disponível em: [www.ueg.inhumas.com/revelli](http://www.ueg.inhumas.com/revelli). Acesso em: 15 maio 2020.

Recebido Para Publicação em 25 de março de 2020.

Aprovado Para Publicação em 25 de maio de 2020.